



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA GAÚCHA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Carine Martins Godoy Torres Frasson

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

A INFLUÊNCIA DA CULTURA GAÚCHA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

por

Carine Martins Godoy Torres Frasson

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**

Orientador: Prof^o. Jorge Luiz da Cunha

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

A INFLUÊNCIA DA CULTURA GAÚCHA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

elaborada por
Carine Martins Godoy Torres Frasson

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Jorge Luiz da Cunha, Dr^o.
(Presidente/Orientador)

Marilú Favarin Marin, Ms. (UFSM)

Claudia Regina Costa Pacheco, Ms. (UFSM)

Lucia Salete Celich Dani, Dr^a (suplente) - (UFSM)

Santa Maria, 12 de janeiro de 2010.

Dedico este trabalho ao meu “filho Fernando”
(Nandinho),
que me ensinou o que eu não sabia
e me despertou para o que eu sabia
Permitindo que buscasse novos caminhos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo amor, carinho e educação que sempre me deram.

A Deus pela existência conjunta e pela energia chamada amor que percorre espíritos e corpos.

Ao meu esposo Jones pela paciência nos momentos de angústia.

Ao Prof^o. Jorge Luiz da Cunha, pelas orientações, pelo incentivo, pela compreensão, pela paciência, pela dedicação...

A todos os professores e alunos do Curso de Especialização em Gestão Educacional pelas interações que sempre significam aprendizados.

A Universidade Federal da Santa Maria que me possibilita formações e emoções.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A INFLUÊNCIA DA CULTURA GAÚCHA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: CARINE MARTINS GODOY TORRES FRASSON

ORIENTADOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Data e Local da Defesa: Santa Maria/RS, 12 de março de 2010.

Este estudo se propôs a culminar a influência da cultura gaúcha na Educação Infantil da Instituição Lar de Miriam, através do estudo do tema: CULTURA GAÚCHA EM PROCESSO COM A EDUCAÇÃO, que nos propiciou melhor vivência a nível educacional e social interligando a Gestão educacional, bem como os processos de aprendizagens construídos na escola. Para tanto, a pesquisa ao realizar as ações dentro de sala de aula, procurando valorizar o gaúcho e determinar opiniões na expectativa de que as práticas pedagógicas possam ser re-pensadas através da análise e reflexão sobre os dados se caracteriza pela pesquisa bibliográfica e observação dos procedimentos utilizados em sala de aula para oportunizar o desenvolvimento e estudo da cultura gaúcha; despertar nas crianças e jovens o interesse por nossa tradição e nossas entidades; estimular a participação do público alvo para as nossas atividades campeiras, artísticas e esportivas; ajudar na formação da cidadania, contribuindo com a disciplina, interesse e preservação do patrimônio cultural do nosso Estado. Ao refletir sobre os processos de gestão escolar e gestão educacional, bem como os processos de aprendizagens construídos na escola para (re)criar entre coletividades e individualidades dos sujeitos para convivência na sociedade. Conclui-se reafirmando a necessidade de conhecer as peculiaridades do grupo de educandos no qual o educador atua a fim de que práticas não sejam as mesmas, assim como, de uma elaboração adequada que permita a criatividade do educador. E por fim teremos as considerações finais, nas quais são direcionadas para uma reflexão crítica. Assim consideramos que a busca de conhecimento nos possibilitaram contribuir nas descobertas de ação mais eficiente no trato na Educação Infantil da Instituição Lar de Miriam.

Palavras-chave: Concepções de Gaúcho. Educação Infantil. Educação.

ABSTRACT

SPECIALIZATIONS' MONOGRAPHY
Post Graduation Course
Lato-Sensu specialization in Scholar Management
Universidade Federal de Santa Maria¹

The Gaucho's culture influences in the nursery school

AUTHOUR: CARINE MARTINS GODOY TORRES FRASSON

ADVISER: JORGE LUIZ DA CUNHA

Place and date of defense: Santa Maria/RS, March 12th, 2010.

This search aimed to debate the influence that the gauchos culture have over the nursery school in Lar de Miriam² through the theme "gauchos' culture in the education process, which allowed an improved experience in both educational and social levels, linking together the scholar management and the learning process. For this purpose, the research brings to the classroom the gaucho's values trying to determine opinions in order to think of the pedagogical practices throughout analysis of data characterized by the bibliographical research as well as the observation of the procedures used in classroom to give a chance to develop studies about the gaucho's culture, raising in children and young people stake to the common culture and traditions, helping out in the citizen's formation. Reflecting about the process of scholar management and the learning processes built in the school to create the collectivity and subject's individuality to live in society. Concluding the work, it is affirmed that knowing the student's group peculiarities is essential to elaborate creative educational activities. In the end of the work, the final considerations are about a critical reflection on the nursery school's practice, and these reflections can contribute to a more effective actions in the schooling practice in the Lar de Mirian.

Keywords: gaucho, nursery school, education.

¹ Universidade Federal de Santa Maria – National University at Santa Maria

² Lar de Miriam is a philanthropic institution that offers educational and assistance care to children and teenagers that are in risk situation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 CULTURA GAÚCHA E PESQUISA	10
2.1 A Pesquisa	10
2.2 O Pesquisador e a Pesquisa	11
2.3 Cultura Gaúcha e a Escola	12
2.4 Nossa Entidade e o Gaúcho	14
2.5 Apoiado nos itens da Carta de Princípios.....	16
3 DESENVOLVIMENTO HUMANO E GESTÃO EDUCACIONAL: uma interlocução entre os autores – Wallon, Bronfenbrenner e Gardner	18
3.1 Teoria do desenvolvimento dialético de Wallon.....	19
3.2 Desenvolvimento ecológico sistêmica de Bronfenbrenner.....	21
3.3 Concepção simbólico-cultural de Gardner	23
3.4 Relação dos autores com a aprendizagem e gestão educacional.....	23
3.5 Demonstração de Danças.....	25
3.6 Fazendo Interlocução.....	26
4 APRENDENDO A BRINCAR: brinquedos e brincadeiras	27
5 CHEGANDO AO FIM...	28
6 REFERÊNCIAS	30
7 ANEXOS	33

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia visa culminar a influência da cultura gaúcha na Educação Infantil da Instituição Lar de Miriam, através do estudo do tema: CULTURA GAÚCHA EM PROCESSO COM A EDUCAÇÃO, que nos propiciou melhor vivência a nível educacional e social interligando a Gestão educacional, bem como os processos de aprendizagens construídos na escola.

Procuramos estruturar o desenvolvimento da pesquisa de campo através de três ações desenvolvidas na instituição Lar de Miriam pelo Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul, no qual eu faço parte da Invernada Artística do grupo de danças adulto. Com o uso de uma abordagem metodológica que contempla a História Oral vivenciada pelos contribuintes que tenham uma vivência tradicionalista. Possibilitando a criação de novas práticas escolares da educação fundamentadas nas histórias de vida dos docentes e discentes.

A primeira ação tem como objetivo investigar e compreender a cultura gaúcha, bem como analisar a situação da pesquisa atualmente verificando os fatores que viabilizam a pesquisa. Relatamos um pouco sobre nossa Entidade, origem do gaúcho, hábitos, usos e costumes.

A segunda ação tem como objetivo interligar as teorias do desenvolvimento à Gestão Educacional, bem como os processos de aprendizagens construídos na escola, através de nossas invernadas, departamento cultural e artístico demonstramos danças como: de salão, tradicionais, de facões e chula, a musicalidade e a expressão artística do gaúcho.

A terceira e última ação utilizamos os brinquedos antigos com a capacidade de (re)criar produzindo entre coletividades e individualidades dos sujeitos para as brincadeiras.

E por fim teremos as considerações finais, nas quais são direcionadas para uma reflexão crítica.

Assim consideramos que a busca de conhecimento nos possibilitaram contribuir nas descobertas de ação mais eficiente no trato na Pré-escola da Instituição Lar de Miriam.

2. CULTURA GAÚCHA E PESQUISA

2.1 A Pesquisa

Atualmente na educação, a pesquisa merece destaque e espaço para ser aprimorada e estudada como deve ser. Sendo de fundamental importância para que universitários sigam suas profissões com embasamento necessário e próprio para que este desenvolva seu trabalho já com o conhecimento da realidade, que muitas vezes é apresentado ao mesmo a partir de investigações realizadas em sala de aula com apoio e ajuda de seus professores. Este trabalho parte de uma metodologia exclusivamente por meio de pesquisa bibliográfica, de forma que se contextualizem seus aspectos no meio social. Na pesquisa um pesquisador busca compreender, descrever ou explicar uma passagem que considera importante, não acredita na verdade absoluta. Confia na sua pesquisa como sendo conhecimentos que perpassam nosso entendimento da realidade que se vive. Conhecimento este que é construído pela pesquisa, dirigiu-se a maneiras de escolha e interpretações de dados.

[...] As idéias que se formulam pelas pesquisas, estudos, reflexões, ensaios, e que passam para as gerações em formação num dado tempo, bem como no contínuo de seu exercício profissional, são levadas de alguma forma para dentro deste exercício, e suas marcas fazem-se sentir numa temporalidade diferente daquela em que se formou uma base de conhecimentos e formas de pensar determinadas. (GATTI, 2002, p.36,37).

Conforme a citação de Gatti (2002) toda produção de uma pesquisa está baseado num problema, numa pergunta cuja resposta se quer saber. A pesquisa precisa ser argumentada, para ser questionada pelos sujeitos, e o pesquisador com seu desejo e suas reflexões, sua pesquisa se torna mais interessante. Desejo este de alcançar o objetivo da pesquisa.

A pesquisa acadêmica é uma ferramenta que, o estudante, precisa utilizá-la para construir conhecimento e desenvolver-se como profissional capacitado. Para isso ocorrer é preciso que a própria universidade disponibilize esse espaço para dar seguimento a uma educação de qualidade. Neste sentido, a Universidade deve rever

as suas funções e adequar sua política para alcançar esse ensino, a verdadeira pesquisa científica e a extensão, com base na parceria com a comunidade.

[...] Pesquisa só se aprende fazendo. As características do ato de pesquisar constroem-se socialmente, num verdadeiro processo de socialização, até de formação artesanal. Essa construção demanda interlocução dos menos experientes com os mais experientes. E esse é um dos nós da questão em algumas áreas onde a tradição da investigação científica vem sendo pobre, e essa pobreza reproduz-se pela rarefação de interlocutores maduros no trato direto e continuado com a pesquisa. (GATTI, 2002, p.65).

Interessante é notar que Gatti (2002) aponta aspectos importantes para o ato de pesquisar que vem a ser a socialização entre aqueles que possuem um maior conhecimento que outros, enfatizando que a pesquisa está enfraquecida e necessita de uma atenção e uma valorização para uma melhoria na qualidade da educação.

A educação deve ser vista como processo vital de “auto-organização” do ser humano e a universidade têm o compromisso de refletir às culturas, as realidades e as necessidades da sociedade em que está inserida em um processo contínuo de (des) construção, (re) construção do saber. Em segundo lugar, toda pesquisa deve ser analisada de forma minuciosa, pois diz respeito a um problema social indagado por alguém. É preciso haver, ao finalizar cada pesquisa um estudo relacionado às teorias desse tema. Dessa forma, Alves (2001) mostra a importância da teorização sobre os resultados de pesquisa para favorecer uma contribuição ampliada e melhor disseminação dos trabalhos e sua avaliação pela comunidade científica.

2.2 O Pesquisador e a Pesquisa

Um pesquisador busca compreender, descrever ou explicar algum acontecimento que considera importante, não acredita na verdade absoluta. Confia na sua pesquisa como sendo uma construção na concepção de conhecimentos sobre certo assunto, ou seja, busca conhecimentos que perpassem nosso entendimento da realidade que se vive. Conhecimento este que alcançado pela pesquisa, dirige-se a maneiras de escolha e interpretações de dados.

Toda produção de uma pesquisa está baseado num problema, numa pergunta cuja resposta se quer saber. A pesquisa precisa ser argumentada, para ser

questionada pelos sujeitos, e é com o desejo do pesquisador suas reflexões, que sua pesquisa se torna mais interessante. Desejo de alcançar o objetivo da pesquisa.

É interessante salientar que experiências que ensinam devem-se dar através de interação, de momentos de vivências profundamente enriquecedoras para educadores e educando para se compreender por que essa questão da prática pedagógica emergiu e que olhar será lançado sobre ela. Por exemplo, na pesquisa, no encontro com os sujeitos, com aqueles que contribuem com memórias, as marcas deixadas pela fala dos sujeitos vão permitir a construção de um novo original. A partir daí, vai sendo ampliado o sistema de marcas, deixando o pesquisador as suas próprias. Nesse sentido, digo que o pesquisador, ao lidar com o discurso do outro, não se envolve apenas com uma questão de método, mas com interpretação.

2.3 Cultura Gaúcha e a Escola

Com o propósito de conhecer a cultura gaúcha sul rio-grandense, concordo com Pérez Gomes (2001) quando estabelece o conceito de cultura:

[...] A cultura, portanto, é o resultado da construção social, contingente às condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo. Expressa-se em significados, valores, sentimentos, costumes, rituais, instituições e objetivos, sentimentos (materiais e simbólicos) que circundam a vida individual e coletiva da comunidade. Como consequência de seu caráter contingente, parcial e provisório, ela não é um algoritmo matemático que se cumpre indefectivamente [...] (GOMEZ, 2001, p.17)

Conforme Gomez, estar vivendo e participando intensamente a cultura é poder interpretá-la, reproduzi-la e transformá-la, para que assim desenvolva a autonomia e valorização do individual e do coletivo. É interessante destacar que da pesquisa originaram-se vários suportes para a valorização da cultura gaúcha, como por exemplo, o Manual de Danças Gaúchas. Este Manual de Danças contempla as regras de como o dançarino deverá fazer os movimentos no salão, ou seja, dançar. Isto devido à preocupação que a comissão organizadora do Encontro de Artes e Tradição – ENART – sentiu em julgar os dançarinos nas danças tradicionais. Desta forma, seguem-se as regras do manual de danças gaúchas e analisam-se os grupos com a melhor interpretação, o grupo mais harmônico na sala e correção

coreográfica, ou seja, o cumprimento das regras estabelecidas no manual de danças.

A cultura é um conjunto de conhecimentos, valores, costumes, modos de agir e de se comportar adquiridos pelos seres humanos como membros de uma sociedade. Esse conjunto constitui o contexto simbólico que nos rodeia e vai formando nosso modo de pensar e de agir, isto é, nossa subjetividade. As práticas culturais em que estamos inseridos manifestam-se em nossos comportamentos, no significado que damos às coisas, em nosso modo de agir, em nossos valores [...]. A bagagem cultural dos indivíduos contribui para definir a cultura organizacional da organização de que fazem parte. Isso significa que as organizações – a escola, a família, a empresa, o hospital, a prisão, etc.- vão formando uma cultura própria, de modo que os valores, as crenças, os modos de agir dos indivíduos e sua subjetividade são elementos essenciais para compreender a dinâmica interna delas. [...] (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, p. 319).

É interessante a compreensão dos autores LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI em relação à cultura, pois assim compreendo que é importante a valorização das diferentes culturas existentes dentro da escola para um melhor desenvolvimento do sujeito. A cultura não é estática: cada indivíduo produz obras e imagens que se fundam no fluxo da história. A cultura é o fluxo de significações criadas, co-produzidas e permutadas pelos povos. Ela nos ajuda a dar significado a nossa vida. É ela que nos torna capazes de edificar patrimônios culturais e viver em suas lembranças. Ela nos permite (re) conhecer nossa ligação com a linhagem, nossa família, nossa comunidade, nossa nação, até mesmo nossa própria humanidade. Mas a cultura pode também nos levar a fazer de nossas diferenças os estandartes da batalha e do extremismo. Jamais pode ser considerada como uma evidência, mas trazida com cuidado em formas de complementação positiva.

[...] O responsável definitivo da natureza, do sentido e da consistência do que os alunos e as alunas aprendem em sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola, entre as propostas da cultura crítica, alojada nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, refletida nas definições que constituem o currículo; os influxos da cultura social, constituída pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões do cotidiano da cultura institucional, presente nos papéis, nas normas, nas rotinas e nos ritos próprios da escola como instituição específica; e as características da cultura experiencial, adquirida individualmente pelo aluno através da experiência nos intercâmbios espontâneos com seu meio [...] (GOMEZ, 2001, p.17)

O autor Pérez Gomez (2001) destaca que, a escola é de fundamental importância para a socialização das diferentes culturas, trabalhar com essas

diferentes maneiras de conviver a cultura. Cabe salientar que cada vez mais é necessária a criação de espaços para oportunidades de diálogo e trocas, onde os envolvidos possam (re) aprender, vivenciar, construir e até desmistificar concepções e ações educativas, tal importância da valorização em que o indivíduo contribui para atingir os objetivos propostos da aprendizagem.

(...) todos os setores administrativos e pedagógicos e todas as pessoas que atuam na organização escolar desempenham papéis educativos, porque o que acontece na escola diz respeito tanto aos aspectos intelectuais como aos aspectos físicos, sociais, afetivos, morais e estéticos. As crianças não aprendem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores apenas em sala de aula; aprendem também na vivência cotidiana com a família, nas relações com colegas, no ambiente escolar. (...) (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, p. 368).

Os autores, LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, enfatizam que é na escola que o processo de construção do sujeito vai se educar, no desenvolvimento da aprendizagem no ambiente escolar para um ótimo aprendizado preservando e valorizando as diferentes culturas existentes.

Por fim, os valores devem ser preservados, conforme a necessidade de cada indivíduo. A responsabilidade em manter as “raízes” da cultura gaúcha é de fundamental importância para a construção do sujeito numa sociedade.

2.4 Nossa entidade e o Gaúcho

O Centro de Pesquisas Folclóricas Piá do Sul sempre teve como objetivo divulgar as tradições do Rio Grande do Sul através das suas Invernadas Artísticas, Cultural, Campeira e Esportiva. Segundo Onésimo Carneiro Duarte, no seu Plano de Ação Social, “Cultivar a tradição, para nós do MTG, não deve ser apenas uma atitude de contemplação saudosista. É, a preocupação em manter uma escola de comportamento ético e social e não pessoas que andam de bombachas e vestido de chita.”.

Na sociedade, são as crianças, os jovens e os adultos que dão continuidade as nossas raízes, bem como a história de seu povo. Quando participamos, ensinamos, estamos fazendo parte desse processo de continuidade, independente de sermos jovens, adultos, idosos,... Para isso é necessário participarmos através da Escola e de seu processo educacional proporcionando conhecimentos

reconhecimentos, compreensão e valorização do estudo da nossa cultura; despertando o interesse pela tradição e das entidades; estimulando a participação dos alunos para as atividades campeiras e artísticas; ajudando na formação da cidadania contribuindo com os valores morais e cívicos e preservando o patrimônio e nossas origens.

Aos nascidos no Rio Grande do Sul o nome dado é o gaúcho, ao sujeito característico da campanha, na região dos pampas, ao homem e a mulher que vive no campo. Até a metade do século XIX, o termo gaúcho era apontado aos aventureiros, malfeitores que viviam nos campos e ladrões de gado. Consequência da miscigenação entre o espanhol, o índio e o português, o gaúcho, por viver no campo cuidando do gado, adquiriu aptidões de cavaleiro, manejador do laço e da boleadeira, costumes que perfazem a tradição gaúcha. O gaúcho foi, inicialmente, nômade. Com o passar dos tempos, a partir do estabelecimento das fazendas de gado e com a alteração da estrutura de trabalho, foram modificados os seus costumes, tanto na vestimenta quanto na alimentação. Mais tarde, já integrado à sociedade rural como trabalhador especializado, passou a ser o peão das estâncias. Atuando como instrumento de fixação portuguesa no Brasil Meridional, o gaúcho contribuiu para a defesa das fronteiras com as Regiões Platinas, participando ativamente da vida política do país. A partir disso, o reconhecimento de sua bravura e de sua habilidade campeira na guerra fizeram com que o termo "gaúcho" perdesse a conotação pejorativa. Após a Revolução Farroupilha, o gaúcho passou a ser considerado sinônimo de homem corajoso, honesto, devoto a região e destemido. O gaúcho é definido pela literatura como um indivíduo altivo, irreverente e guerreiro. Às suas raízes, somaram-se as culturas alemã, negra e italiana, e de tantos outros povos que vieram construir, no Rio Grande do Sul, uma vida melhor. O povo gaúcho estima muito sua história e costuma exacerbar a coragem e a bravura de seus antepassados, expressando, por meio de suas tradições, sua dedicação à terra e seu amor à liberdade.

Na vida do gaúcho a hospitalidade é um valor constante e o chimarrão é um fator agregador que reúne, que harmoniza o relacionamento entre as pessoas. Quando se forma uma "roda de chimarrão", todas as pessoas se tornam amigas, pois o chimarrão é servido numa só cuia, que passa de mão em mão, com uma bomba que passa de boca em boca. Só os amigos poderão ter esse privilégio, por

isso o chimarrão é o símbolo da hospitalidade gaúcha. Está se considerando um amigo, ao oferecer uma cuia de chimarrão para alguém.

Toda História da humanidade, ao longo dos tempos, fala dos desbravadores, em diferentes pátrias, consumidores da carne em suas mais diversas formas. Alguns usos e costumes do gaúcho como: *o churrasco, o assado, o arroz-de-carreteiro e os pratos à base de charque* são os melhores de uma culinária típica do gentílico sul-riograndense; *o cavalo* é o maior companheiro do gaúcho, chamado carinhosamente de “pingo”. O gaúcho encilha o cavalo para um desfile, uma doma, uma tropeada, para o trabalho do campo, para uma festa (rodeio crioulo), etc; *a Faca* é um instrumento de trabalho, de luta, talher e arma. A carne que carneou, que cortou o churrasco, muitas vezes atada a pontas de taquaras, virou lança de guerra. A faca do gaúcho é instrumento essencial na lida diária, tanto na cidade quanto no campo. O gaúcho a carrega sempre na parte de trás da cintura; a beira de uma estrada, numa encruzilhada qualquer, ou na saída de um passo junto a um rio, *o bolicho* de campanha não pode faltar, mistura de mini-mercado com clube social, predominantemente masculino. O dinheiro quase nunca aparece, as compras são feitas a crédito nas livretas, na confiança e o pagamento feito na maioria das vezes, de safra em safra; *a Indumentária Gaúcha* tem três raízes fortes: Primeiramente dos colonizadores portugueses, com as Bragas, ceroulas de crivo, botas fortes, jaleco, chapéu de copa alta ou de palha, ou lenço na cabeça. Depois é de raiz Indígena que nos dá o pala, o primitivo chiripá saia e a vincha prendendo os cabelos e por fim é a gauchesca, que inventa soluções práticas com os recursos a disposição. Bota de Garrão-de-potro, chapéu de pança-de-burro, chiripá fralda, guaiaca, lenço de pescoço. E a Bombacha que chega ao Rio Grande com a guerra do Paraguai; os *símbolos oficiais* do Rio Grande do Sul, a Bandeira, o Hino e as Armas, assim determinados pelo Decreto estadual nº 5.213, de 05 de Janeiro de 1966, e os símbolos ecológicos Brinco-de-princesa (Decreto nº 38.400, de 16 de Abril de 1998), erva-mate (Lei nº 7.439, de 08 de dezembro de 1980) e quero-quero (Lei nº 7.418, de 1º de dezembro de 1980).

2.5 Apoiado nos itens da Carta de Princípios:

A criança é um ser em formação e as atividades complementares desenvolvidas na escola auxiliam o ser humano a ser mais consciente e

responsável. Justifica-se esta ação com estes itens da Carta de Princípios, de autoria do Glaucus Saraiva, contendo os objetivos do Movimento Tradicionalista Gaúcho atualmente em vigor foi aprovada no VIII Congresso Tradicionalista, levado a efeito no período de 20 a 23 de julho de 1961, no CTG "O Fogão Gaúcho" em Taquara.

I - Auxiliar o Estado na solução de seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo;

II - Cultuar e difundir nossa história, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substancia basilar da nacionalidade;

III - Promover, no meio do povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho;

V - criar barreiras aos fatores e idéias que nos vem pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.

XVII - Prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que sincera e honestamente queiram perseguir objetivos correlatos com os do tradicionalismo;

XVIII - Incentivar em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais;

XIX - Influir na literatura, artes clássicas e populares e outras formas de expressão espiritual da nossa gente, no sentido que se volte para os temas nativistas;

XX - Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais e coletivas, que artificializem ou descaracterizem nossas coisas tradicionais.

No decorrer do texto, buscou-se valorizar a pesquisa, o pesquisador e a cultura gaúcha para a construção do indivíduo na sociedade de hoje. Tem-se em mente que a compreensão dos processos educativos em uma perspectiva histórica permite o entendimento de toda complexidade que caracteriza a área da educação, ressaltando a história dos saberes e fazeres escolares, influenciando no alcance dos discursos na formação da conduta humana e profissional.

Percebendo que a necessidade da valorização da cultura gaúcha é fundamental para os processos educativos, ressalto como uma de suas principais peculiaridades, a criação de vínculos entre as pessoas. Confio neste estudo, pois

justifica se pelo fato de vir a colaborar na formação e no aperfeiçoamento de professores, bem como para a construção das práticas escolares, pois estará trabalhando com suas memórias, tanto profissionais, quanto pessoais, devido ao uso de uma abordagem metodológica que contempla a História Oral vivenciada pelos colaboradores. Fato este que possibilita a criação de novas práticas escolares da educação fundamentadas nas histórias de vida dos docentes e discentes.

3. DESENVOLVIMENTO HUMANO E GESTÃO EDUCACIONAL: uma interlocução entre os autores - Wallon, Bronfenbrenner e Gardner

Interligar as teorias do desenvolvimento dos autores Henry Wallon, Urie Bronfenbrenner e Howard Gardner à Gestão Educacional, bem como os processos de aprendizagens construídos na escola. Para tanto, através de um estudo de cunho bibliográfico, buscou-se literaturas relacionadas aos autores como base de fundamentação teórica, evidenciando as seguintes obras: Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil; A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados de Bronfenbrenner e O verdadeiro, o belo e o bom: os princípios básicos para uma nova educação de Howard Gardner.

Assim, este escrito se estrutura, primeiramente, com os aspectos principais da teoria de Wallon, sendo eles: a importância da relação entre sujeito e ambiente, das interações estabelecidas entre estes sujeitos e do desenvolvimento da pessoa completa (cognitivo, afetivo e motor). Em seguida, aborda-se a teoria do desenvolvimento de Bronfenbrenner que destaca a relevância do contato entre os sujeitos e os diferentes contextos, sendo caracterizados como sistemas (micro, macro, exo e mesosistema) com especificidades. Depois evidencia-se a teoria do desenvolvimento de Gardner com seu principal estudo das inteligências múltiplas, sendo elas a lógico-matemática, a lingüística, a sinestésico-corporal, a musical, a inter-pessoal, a intra-pessoal e a espacial. Por fim com a demonstração de danças como: de salão, tradicionais, de facões e chula, a musicalidade e a expressão artística do gaúcho viabilizando uma compreensão na relação entre os sujeitos e suas trocas de experiências.

Ao final apresenta-se algumas reflexões acerca das teorias dos autores relacionadas à aprendizagem e a gestão educacional, enfatizando suas relações e pertinências para o contexto educacional e a construção de uma Gestão Democrática.

3.1 Teoria do desenvolvimento dialético de Wallon

Segundo Wallon o desenvolvimento humano consiste na interação do sujeito com o meio, levando em conta a especificidade de cada idade, pois cada uma tem um enfoque particular. Conforme cada idade o sujeito interage com os diferentes meios (espaços físicos, linguagem e a cultura) aproveitando deles os elementos mais importantes para se desenvolver. O meio e o sujeito estão sempre em transformação, pois ambos influenciam e são influenciados.

[...] a influência do meio social torna-se muito mais decisiva na aquisição de condutas psicológicas superiores, como a inteligência simbólica. É a cultura e a linguagem que fornecem ao pensamento os instrumentos para a sua evolução. O simples amadurecimento do sistema nervoso não garante o desenvolvimento de habilidades intelectuais mais complexas. (GALVÃO, 1995, p. 40, 41).

O processo de desenvolvimento está ligado diretamente às relações que o sujeito estabelece com o meio, sendo assim cada criança em sala de aula, com a mesma idade, não tem o mesmo desenvolvimento cognitivo, pois cada criança estabelece tipos de relações com diferentes ambientes em que vive. Neste sentido, vale destacar as influências e as construções realizadas pela criança em relação ao meio familiar. Estas acompanham a criança em todos os seguimentos da sociedade que participar, inclusive na escola, entretanto estas influências, muitas vezes, são desconsideradas pela escola quando não se percebe que seu desenvolvimento e seu ritmo são atravessados pelas vivências e experiências partilhadas na família de cada sujeito.

Outro aspecto importante a considerar da concepção de Wallon (1995) é o fato de ser necessário também ocorrer os conflitos de Natureza Exógena e Endógena para que o desenvolvimento que se encontra estruturado, se desestabilize e se reorganize novamente. O conflito de Natureza Exógeno é gerado pela relação do sujeito com o meio, já o conflito de Natureza Endógena é causado pelos efeitos do amadurecimento do sistema nervoso. Sendo assim, cabe ressaltar a

importância de considerar os conhecimentos prévios dos alunos, pois é a partir destes que será possível uma reconstrução de significados e o amadurecimento necessário.

A questão do desenvolvimento motor é outro tópico ressaltado em sua concepção, pois em seus domínios estimula a afetividade e o cognitivo. Desse modo a criança através dos movimentos utiliza a imaginação, o pensar e o refletir sobre as diferentes situações em que ela vive. Conforme a criança vai se desenvolvendo tanto no cognitivo quanto no motor ela vai adquirindo maior autonomia, assim sendo não necessita mais da ajuda do adulto para as tarefas básicas. Vale lembrar que o movimento, que as constantes agitações em sala de aula não devem ser vistas somente como bagunças a serem descartadas, mas canalizadas para o desenvolvimento infantil, já que neste período a descoberta do corpo e do mundo necessita de exploração e movimento.

Interligando a teoria de Wallon ao contexto escolar, destaca-se a importância de o professor refletir sobre a sua prática pedagógica com o intuito de propiciar o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Para tanto, o professor tem sua responsabilidade calcada não na transmissão de conteúdos, mas sim como mediador das construções do conhecimento. Neste sentido, necessita planejar sua prática, refletir sobre metodologias que mais propiciam a aprendizagem dos alunos, bem como a interação entre eles. Como fiel interacionista, Wallon (1995) chama a atenção para as oportunidades de interações em sala de aula, tanto com colegas como com professores, a fim de possibilitar os conflitos, acreditados pelo autor como necessários, para estimular o desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor, visando a educação da pessoa completa. Pois à medida que a criança entra em contato com a opinião do outro, que pode não ser a mesma sua, tem a possibilidade de reconstruir conceitos e repensar valores. Assim, segundo o autor supracitado:

A estruturação do ambiente escolar, fruto do planejamento, deve, por fim, conter uma reflexão sobre as oportunidades de interações sociais oferecidas, definindo, por exemplo, se serão realizadas individual ou coletivamente e, neste caso, como serão compostos os grupos. É bom lembrar que a escola, ao possibilitar uma vivência social diferente familiar, desempenha um importante papel na formação da personalidade da criança. Ao participar de grupos variados a criança assume papéis diferenciados e obtém noção mais objetiva de si próprio. (WALLON, 1995, p. 101, 102).

Essa interação também pode ser considerada entre professores, pois à medida que eles compartilham idéias, pensares, angústias e conhecimentos também têm a possibilidade de reconstruir seus fazeres e saberes. Nesta perspectiva, outra oportunidade de interação emerge que é a participação do professor na gestão da escola, entre trocas e ações colaborativas nas questões relacionadas à organização da instituição, construindo assim, uma Gestão Democrática.

3.2 Desenvolvimento ecológico sistêmica de Bronfenbrenner

Bronfenbrenner (1996), bem como Wallon (1995), cada um com suas especificidades de olhares, também reflete sobre a importância da relação entre os sujeitos e os diferentes ambientes que ele tem contato, enriquecendo assim, o desenvolvimento humano. Neste sentido, relacionando com o ambiente escolar, chama-se a atenção para as oportunidades de diferentes interações, entre professor-professor, professor-aluno, aluno-aluno, professor-equipe diretiva, aluno-equipe diretiva, etc. Estas interações possibilitam, tanto a evolução e desenvolvimento de cada sujeito, quanto a participação de todos na organização escolar, beneficiando assim, as atividades realizadas na escola e a realização de forma significativa e diferente de sua função, que é a formação global do sujeito.

Sendo assim, o sujeito se constitui e desenvolve calcado em interações constantes com o ambiente, sendo influenciado por este, bem como o influenciando. Desta maneira, o sujeito e o ambiente se modificam, alterando suas relações, transformando em uma relação dialógica, ao passo que ambos evoluem e se desenvolvem. Este desenvolvimento é permeado pelo entrelace do sujeito com o ambiente, fazendo com que, o meio seja condição de evolução e fator decisivo na vida humana. Assim, Bronfenbrenner (1996) destaca os diferentes sistemas em que os sujeito interagem, sendo eles: o microsistema, o mesosistema, o exosistema e o macrosistema. Todos os sistemas têm grande importância e influencia sobre o sujeito, entretanto se definem em micro, meso, exo ou macrosistema dependendo das relações estabelecidas nos diferentes contextos.

Assim, o autor mostra a importância do ambiente e das relações que estabelecemos com este ambiente em nosso desenvolvimento. Somos seres *no e com* o mundo, influenciando e sendo influenciados pelo ambiente e pelas inter-relações. Desta maneira, a escola torna-se, por sua vez, um ambiente que influencia

e é influenciada também por todos atores que fazem parte deste cenário, desde os funcionários, até a direção. Percebendo, então, a importância do ambiente, Bronfenbrenner mostra que para compreender o desenvolvimento humano é preciso compreender os contextos e as inter-relações que o sujeito estabelece, pois estes configuram a personalidade e as ações deste sujeito.

Desta maneira, o autor considera como sistema base das relações interpessoais as díades. Esta é a relação entre duas pessoas que se estabelece de três formas segundo Bronfenbrenner: díade observacional, díade de atividade conjunta e a díade primária. A **díade observacional** é quando uma pessoa observa o comportamento do outro e é de extrema importância para o desenvolvimento dos indivíduos, pois, desde as comunidades humanas mais primitivas, usava-se a observação, o exemplo como ferramenta para a aprendizagem das novas gerações. Assim, falando em educação não formal, esta ocorre através dos exemplos e da observação, fazendo com que através destes atos seja possível torna-se humano. Como exemplo disso, percebe-se uma criança que está aprendendo a utilizar os talheres. Nesta atividade observar adultos ou crianças que já dominam o movimento torna-se imprescindível para a criança também se apropriar do hábito.

A segunda **díade** mencionada é a de **atividade conjunta**, que nos acompanha pela vida toda. Esta caracteriza-se por duas pessoas que se observam e desenvolvem alguma atividade junto, sendo que esta atividade não necessita ser a mesma. Esta díade se subdivide em *recíproca*, *equilíbrio do poder* e *relação afetiva*. A díade de atividade conjunta recíproca é realizada por duas pessoas, na qual elas realizam a mesma atividade de forma colaborativa e igual. Já a díade de atividade de equilíbrio do poder não tem a mesma igualdade da outra, pois envolve uma influência maior de somente uma das pessoas envolvidas na díade. A díade de relação afetiva tem-se como foco os sentimentos em relação a outra pessoa, podendo ser positivos, negativos, ambivalentes ou assimétricos.

E, por fim, a **díade primária** que se caracteriza por uma inter-relação mais evoluída e afetiva, pois é quando uma pessoa exerce influência sobre a outra mesmo não estando presente. Vale ressaltar que as díades mencionadas podem ocorrer simultaneamente.

Nesta perspectiva, as díades são de extrema importância, pois são as bases das relações humanas, sendo as primeiras que se estabelecem na vida,

normalmente com a mãe e/ou pai. São através delas que se torna possível a humanização e, elas também permeiam as bases de relações da escola.

3.3 Concepção simbólico-cultural de Gardner

A teoria mais importante deste autor se relaciona às setes inteligências múltiplas, sendo elas a lógico-matemática, lingüística, sinestésico-corporal, musical, inter-pessoal, intra-pessoal e espacial. Ainda, uma outra foi criada por uma estudiosa brasileira do autor, que de seus estudos emerge a inteligência pictórica, no qual, refere-se à habilidade de desenhar. Gardner discorre que todos têm inteligências, entretanto uma mais desenvolvida que as outras. Há uma habilidade, uma pré-disposição para alguma delas, mas não anulando as outras. O autor chama a atenção para a importância de saber que ter uma habilidade bem desenvolvida não anula as outras. Todos têm possibilidade de se desenvolver em mais de uma inteligência. E aí entra o papel da escola, de buscar estratégias pedagógicas para estimular o desenvolvimento de todas as inteligências nos alunos.

Primeiramente entender o “eu” para depois compreender o outro.

3.4 Relação dos autores com a aprendizagem e gestão educacional

Para o gestor compreender a realidade em que ele faz parte, bem como os sujeitos que estão envolvidos no processo educacional precisa ter claro a função humanizadora da escola e perceber as inter-relações que permeiam essa humanização. Só há uma forma de humanizar-se, que é convivendo com humanos no dia-a-dia, aprendendo com eles, bem como interagindo. Para tanto, a função dos gestores e dos professores são a de possibilitar o desenvolvimento dos sujeitos e sua humanização.

Sendo assim, conhecer as bases teóricas do desenvolvimento humano torna-se imprescindível para compreender as relações interpessoais e para os profissionais da educação, na qual esse conhecimento propicia novas reflexões acerca desse caminho a trilhar em direção a formação dos alunos, bem como a sua.

Diante disso, a ação do gestor, também deve perpassar por todas estas reflexões. As ações dos gestores pedagógicos se entrelaçam com a da gestão da escola, fazendo com que os aspectos supracitados também tornem-se

responsabilidades deste gestor. Assim, conduzir uma instituição educacional envolve diversas relações e estas relações devem ser de parceria, no sentido de complementação e colaboração. As influências exosistêmicas e mesosistêmicas devem ser refletidas e pensadas com a ajuda de todos dentro da escola, construindo decisões de forma dialógica e participativa, entre interações, fazendo com que todos sintam-se responsáveis pela escola. Neste sentido, as díades que se formam nesta maneira de organização são as primárias, envolvendo sentimentos positivos e de ajuda. Como gestor, este tem grande responsabilidade, comparada com a mãe, no qual, permite ou não a formação da tríade mãe-filho-pai. Em analogia, também dependerá da abertura que o gestor propiciará aos atores da escola, a participação e interação destes, no sentido de compartilhamento de responsabilidade e decisões.

Desta maneira, entrelaçam-se também, as concepções de desenvolvimento humano, através de relações, do autor, com a Gestão Democrática, pois dependerá do tipo de relações, de díades, de tríades que se estabelecerem que configurará a forma de gestão da escola. Vale ressaltarmos que, além destes tipos de relações, outras influências também permeiam as instituições educacionais, bem como os atores desta. Estas outras influências advêm, segundo Bronfenbrenner (2002), de mesosistemas e exosistemas. Mesmo assim, cabe aos sujeitos destas instituições a forma de condução destas influências e como agir diante delas.

Também vale ressaltar a importância dos contextos influenciadores, que Wallon (1995) muita prima. Assim, perceber as influências que os atores da escola trazem pode ser de extrema diferença na organização da escola e nas relações que se estabelecem. A abertura para novos pensares, oriundos de outros contextos e experiências pode se tornar enriquecedor nas decisões a serem tomadas na gestão da escola. Portanto, para pela gestão e pelas relações a convergência de diferentes culturais, mas que só serão realmente utilizadas se for permitido o compartilhar, o interagir, o dialogar com essas diferentes pessoas, que trazem consigo diferentes marcas de realidades distantes.

Por falar em diferentes culturas, vale lembrar-se de Gardner (1999) quando menciona a importância de reconhecer o diferente, conhecer as especificidades de cada um e, no caso do autor, as inteligências múltiplas. Assim, cada um desenvolve de forma mais satisfatória uma das inteligências, entretanto, a escola deve ter em mente a necessidade de colaborar e estimular o desenvolvimento de todas as inteligências para propiciar o desenvolvimento global do sujeito, até porque, a grande

habilidade em uma das inteligências não quer dizer que as outras não poderão ser desenvolvidas.

Neste sentido, a escola é movida pelas relações que lá se estabelecem. A escola não é só parede, não é só prédio, não é só quadro negro, folha de papel e giz, mas sim seres humanos e, conseqüentemente, relações. Sob esta óptica, compreender estas relações, compreender suas interfaces torna-se essencial para a gestão da escola, bem como para o professor como gestor, não só de suas práticas pedagógicas, mas também em todos os âmbitos escolares. Assim, entre essas relações, que são atravessadas por participação, torna-se possível construir uma Gestão Democrática, pois para esta fazer parte do cotidiano escolar é preciso aceitar, conhecer e estimular as relações estabelecidas nas instituições educacionais.

3.5 Demonstração de Danças

O Gaúcho sempre gostou de dançar, aproveitando velhos motivos folclóricos vindos das danças portuguesas, desde o desafio da chula sapateada até as tranças bonitas do Pau-de-fitas. As danças tradicionais foram, sem dúvida, as grandes difusoras da extraordinária expansão do tradicionalismo gaúcho.

As danças gaúchas de conjunto, atualmente apresentadas como reinterpretação folclórica pelas invernadas artística e grupos tradicionalistas, com a finalidade de valorizar, preservar e divulgar as artes, tradições e cultura populares do Rio grande do Sul, podem ser classificadas: danças sem sapateio (cana-verde, carangueijo, chimarrita, chote de duas damas, chote quatro passi, maçanico, pezinho, quero-mãe, rancheira de carreirinho e rilo; danças com sapateio (anu, balaio, chimarrita balão, roseira, tatu com volta no meio, tatu de castanholas e tirana do lenço) e danças exclusivamente masculinas como: chula e dança dos facões. Tendo como base os documentos oficiais do Movimento Tradicionalista Gaúcho, Manual de Danças Gaúchas, de Barbosa Lessa e Paixão Cortes, e nos Cadernos Gaúchos nº. 9 do IGTF (Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore), poderemos encontrar detalhes do desenvolvimento de cada dança e sua origem, inclusive sua musicalidade.

A dança, principalmente para a criança, visa desenvolver habilidades motoras, combate a agressividade, desperta o espírito de grupo, responsabilidade,

disciplina, e fatores de sensibilidade, dicção e alegria. Desenvolvendo essas habilidades entre os sujeitos e compreendendo o desenvolvimento humano.

O desenvolvimento infantil acontece, através de muitos fatores caracterizados por um conjunto de necessidades e interesses, segundo Galvão:

(...) o estudo da criança contextualizada possibilita que se perceba que, entre os seus recursos e os de seu meio, instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com o outro aspecto de seu contexto, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento. (GALVÃO, 1995, p.39)

Percebe-se então que principalmente na escola os profissionais da educação precisam ter muito cuidado com as atitudes mediante os alunos, pois os fatores orgânicos e também os sociais irão influenciar no crescimento do estudante.

3.6 Fazendo uma Interlocução

Esta ação se propôs fazer a ligação entre as teorias do desenvolvimento dos autores Henry Wallon, Urie Bronfenbrenner e Howard Gardner à Gestão Educacional, bem como os processos de aprendizagens construídos na escola. A aprendizagem, por sua complexidade, é mais do que processo de aquisição de conhecimentos, conteúdos ou informações. É a construção, a assimilação e a aquisição de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir, que leva conseqüentemente a mudanças na forma de comportamento. E todas essas relações têm como instrumento de mediação indispensável a linguagem, por isso, se torna difícil para algumas crianças essas relações, pois são pouco comunicativas ou introvertidas.

Diante das reflexões, entendemos que o professor pode criar uma situação favorável para a aprendizagem através de uma variedade de recursos, métodos, procedimentos de ensino e de relacionamento com os alunos. Para isto, o professor deve conhecer os interesses dos alunos para mantê-los e encaminhá-los para a situação de aprendizagem. O educador deve buscar uma motivação duradoura pra

conseguir que o aluno participe das atividades com interesse para alcançar o objetivo da aprendizagem.

Acreditamos ser de relevância este estudo para uma compreensão do desenvolvimento humano, possibilitando o desenvolvimento dos sujeitos e sua humanização. Desta forma, conhecer as bases teóricas do desenvolvimento humano torna-se necessário para os profissionais da educação e para compreender as relações interpessoais, na qual esse conhecimento proporciona reflexões acerca dessa construção na formação dos alunos, bem como a sua.

4. APRENDENDO A BRINCAR: brinquedos e brincadeiras

Com os brinquedos e as brincadeiras as crianças utilizam sua imaginação e suas fantasias externando suas emoções e suas criações. O brincar ganha, então, densidade traz enigmas, comporta leituras vivas, ricas em significados.

Os brinquedos da Escola são excelentes meios de recreação e desenvolvimento físico, porém em alguns momentos é importante permitir que as crianças escolham e construam seus brinquedos em atividades orientadas como: reaproveitar material descartável, desenvolver criatividade, tomar decisões e estabelecer relações sociais.

A brincadeira é um processo de relações individuais, levando em conta a individualidade de cada um. A brincadeira está inserida num contexto social e cultural, assim uma aprendizagem social, aprendendo a brincar conforme o grupo que está fazendo parte. A criança através da brincadeira com o adulto aprende a dominar, a compreender, e depois dessa interação com o adulto, a criança reproduz a brincadeira.

Conforme a autora Barboza define a brincadeira:

“Brincadeira define-se como o ato ou efeito de brincar; significa divertimento, jogo, passatempo, entretenimento. A brincadeira infantil, manifestação lúdica, onde o único recurso, geralmente, é o grupo de crianças, faz com que estas estejam próximas; discutam, formulem e respeitem estruturas, normas, regras e combinações; aprendam a lidar com o sucesso e o fracasso; desenvolvam o jogo de papéis e a liderança; pratiquem habilidades e destrezas específicas; enfim, convivam com alegria, desenvolvendo-se de forma harmoniosa. (BARBOZA, 1996, p.129)

A autora deixa claro que brincadeira é ação de brincar, criar, expressar de forma lúdica a criatividade de cada um no coletivo. Retomando as brincadeiras do passado uma boa opção é ensinar para eles e brincar junto com eles. As brincadeiras são: - cinco marias – é preciso achar 5 pedrinhas de mesmo tamanho ou até mesmo saquinhos feitos com arroz ou areia. Jogue todas as pedrinhas no chão e tire uma delas, depois com a mesma mão jogue para o alto e pegue uma das que ficaram no chão. Faça isso até ter pegado todas. Na segunda rodada ao invés de pegar uma por vez, pegue duas. Na terceira rodada você pega três ao mesmo tempo e na última rodada você pega todas de uma vez só. – roda – forme uma roda e cante cantigas antigas, como pau no gato, ciranda-cirandinha, a canoa virou, pirulito que bate bate, samba lelê, se esta rua fosse minha, serra serra serrador, etc. – escravos de jó – Duas pessoas cantam a música (escravos de jó, jogavam caxangá, tira, põe, deixa ficar, guerreiros com guerreiros fazem zigue, zigue zá). Cada um com uma pedrinha ou um bombom na mão e vai seguindo o que diz a música. – amarelinha: faça um risco no chão e numere de 1 a 10, no ultimo faça um arco representando o céu. Pule com um pé só dentro de cada quadrado, sem errar. – batata quente- As pessoas ficam em círculo e alguém fica de fora. Passem uma bola bem rápida de mão em mão e quem estiver fora diz: “batata quente, quente, quente, ..., queimou!”, em quem a bola parar no queimou é eliminado.

Assim os brinquedos e as brincadeiras fazem parte da lembrança de muitas pessoas, ocasionando a ressignificação da cultura gaúcha. Desenvolvendo formas de convivência social e permitindo o prazer de brincar. A brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, da situação imaginária.

5. CHEGANDO AO FIM...

Através da interação professor aluno é que ambos constroem conhecimento, juntos, um aprendendo com o outro, e é através dessa relação que se estabelecem as afinidades e a afetividade.

Com essas atitudes o professor irá diminuir o risco de dificuldades na escolarização de seu aluno, e através dessa relação de aprendizado do professor em conjunto com o aluno, pode-se dizer que seria a maior demonstração de amor pela sua profissão e afetividade para com seus alunos.

É necessário proporcionar situações que levem à escola uma educação cidadã, uma formação solidária, uma construção de valores, uma identidade que possa prevenir a violência. Não mais é possível pensar que apenas os professores e a escola são responsáveis pela formação moral e social de sua comunidade escolar. É essencial que todo o gestor esteja consciente de que quando queremos, podemos contribuir e participar das regras de conduta, de responsabilidade, solidariedade e justiça.

Ressignificar a cultura tradicionalista gaúcha dentro do ambiente escolar, de modo que possa proporcionar aos alunos o conhecimento e as vivências desta cultura, não deixando morrer sua presença em meio a tantas mudanças e novidades da atualidade.

Do mesmo modo, esta monografia vem ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), quando esse aponta para as manifestações de racismo, a discriminação social e étnica por parte de professores, alunos e da equipe escolar, sendo de maneira involuntária ou inconsciente. Segundo esse documento é um trabalho prazeroso e motivador na sala de aula, falando da realidade de vida daqueles que ensinam e aprendem. Assim a escola deve abordar do desenvolvimento de atitudes e valores e da formação de novos comportamentos, tendo como desafio conectar os conteúdos que se aprendem na escola à vida da sociedade.

Esse é um trabalho que, embora complexo, pode ser prazeroso e motivador na sala de aula, por falar de perto da realidade de vida daqueles que ali ensinam e aprendem, pela enriquecedora oportunidade de conhecer as histórias de dignidade, de conquista e de criação, de culturas e povos que constituem o Brasil, de tudo que, sendo diverso, valoriza a singularidade de cada um e de todos. (1997, p. 15)

Confia-se que, transmitindo tais experiências para os alunos, professores e gestores, será possível a valorização de questões de nossa terra em um espaço de construção de saberes que é a escola, o que ajudará para a valorização da essência do “ser gaúcho” na sociedade de hoje. A sociedade e a escola vivenciam um processo de evolução tecnológica, econômica e social, também a tradição gaúcha passa por inevitáveis modificações. São essas mudanças, decorrentes da evolução social que, muitas vezes, fazem desaparecer fatos e informações importantes referentes à cultura gaúcha, o que acaba por diminuindo e enfraquecendo as manifestações gaúchas.

Nós somos artesões do tradicionalismo, mas devemos nos libertar de nossas Entidades, adquirirem ousadia e coragem, transformando nosso conhecimento em ações.

6. REFERÊNCIAS

BARBOZA, M. C. **Aspectos de Folclore – Tradição – Cultura do Rio Grande do Sul**: fundamentos básicos para quem quer conhecer e divulgar a cultura gaúcha. Passo Fundo: Gráfica e editora Pe Berthier, 1996.

BORGES, M. L. **Anuário do folclore** – 3 ed., 1972/1978/1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CADERNO CULTURA – **Jornal Laboratório da Faculdade de Artes e Comunicações da Universidade Santa Cecília** (FaAC). Edição 21/08 a 28/08 – 2004, São Paulo.

CARTA DE PRINCÍPIOS DO MTG, aprovada no 8^o Congresso Tradicionalista, realizado na cidade de Taquara, de 20 à 23 de julho de 1961, no CTG O Fogão Gaúcho.

DECRETO ESTADUAL, **Decreto nº 5.213**, de 05 de Janeiro de 1966.

_____, **Decreto nº 38.400**, de 16 de Abril de 1998.

FAGUNDES, G. **Cevando Mate**. 9^a edição, Porto Alegre, 1986.

FERREIRA, L. S. Artigo, **A Pesquisa Educacional no Brasil**: Tendências e Perspectivas.

FERREIRA, C. D. **“35 CTG” O Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho**. Porto Alegre, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARDNER, H. **O verdadeiro, o belo e o bom**: os princípios básicos para uma nova educação. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GATTI, B. A. **A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil**, Plano editora, 2002.

LEI ESTADUAL, **Lei nº 7.439**, de 08 de dezembro de 1980.

_____, **Lei nº 7.418**, de 1º de dezembro de 1980.

LESSA, L. C. B. **Caráter Cíclico do Tradicionalismo**, 1983.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MORIN, E. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Edgar Morin; Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. (org). São Paulo: Cortez, 2002.

PÉREZ G., A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

7. ANEXOS